

**“VAMOS PRANTAR FRORES NO GROBO DA TERRA”: ESTUDANDO O
ROTACISMO NAS SÉRIES INICIAIS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE
MOITA BONITA/SE**

**“VAMOS PRANTAR FRORES NO GROBO DA TERRA”: INVESTIGATING
RHOTACISM IN THE BEGINNING LEVELS OF MOITA BONITA/SE STATE
SCHOOLS**

Raquel Meister Ko Freitag
Doutora em Linguística
Universidade Federal de Sergipe
(rkofreitag@uol.com.br)

Andreia Silva Araujo
Graduanda em Letras
Universidade Federal de Sergipe
(andreialuzinete@hotmail.com)

Eccia Alécia Barreto
Graduanda em Letras
Universidade Federal de Sergipe
(ecciaalecia@hotmail.com)

Eliana dos Santos Silva de Carvalho
Graduanda em Letras
Universidade Federal de Sergipe
(elianassc2006@yahoo.com.br)

RESUMO: O rotacismo é um fenômeno regular e recorrente no português. Ainda assim, é alvo de estigma. Neste trabalho, analisamos a ocorrência de rotacismo na fala e na escrita de estudantes da rede municipal de ensino de Moita Bonita/SE. Adotamos a metodologia da Sociolinguística Variacionista. Os resultados evidenciam que a ocorrência do rotacismo está relacionada com estímulos/respostas orais, com o favorecimento da variante padrão em estímulos/respostas escritas.

Palavras-chave: Rotacismo; Variação Linguística; Língua Escrita; Língua Falada.

ABSTRACT: Rhotacism is a regular and recurring phenomenon in Portuguese, but it is a stigmatized form. In this paper, we analyze the occurrence of rhotacism in spoken and writing data of students from Moita Bonita's state schools. The methodology adopted was Variacionist Sociolinguistic. The results point that the occurrence of rhotacism is related to oral stimulus/response, while the standard variant occurrences are related to written stimulus/response.

Keywords: Rhotacism; Linguistics variation; spoken language; written language.

Introdução¹

Quando chega à escola, a criança não é uma tabula rasa em termos linguísticos; ao contrário, já traz consigo a variedade linguística com a qual convive em seu lar, entre seus pares. Ao tomar contato com a modalidade escrita, a criança, no primeiro momento, reproduz aquilo que ouve. Assim, é comum que traços da variedade falada pela comunidade de onde a criança é oriunda se manifestem em sua escrita. Um destes traços é o rotacismo, fenômeno tratado por diversos autores preocupados com a abordagem sociolinguística do ensino da língua materna (COX; ASSAD, 1999; BORTONI-RICARDO, 2004; BAGNO, 2007; SANTANA et alii, 2008), objeto de análise deste trabalho.

Na literatura linguística, denomina-se *rotacismo* a neutralização de uma líquida lateral por uma líquida vibrante em sílabas do tipo CCV, como, por exemplo, ‘blusa’ por ‘brusa’. Em algumas regiões do Brasil, os falantes neutralizam os traços distintivos desses dois fonemas. Isso, possivelmente, deve-se ao fato de serem do ponto de vista articulatorio muito próximo. Quanto ao ponto de articulação, há muitas semelhanças, pois ambas são realizadas com a ponta da língua tocando os alvéolos dos dentes. No entanto, são fonemas distintos no português uma vez que, de acordo com o princípio da comutação a pares mínimos idênticos ou análogos de palavras, a troca de /l/ por /r/ pode implicar em mudança de significado como, por exemplo, no caso das palavras “mal” e “mar” (cf. COX; ASSAD, 1999). Trata-se de tendência natural, observada, na evolução das línguas românicas, cuja raiz é o latim vulgar. Observemos o quadro abaixo:

Quadro 1: Relação do português padrão com o latim (BAGNO, 2007, p. 73)

PORTUGUÊS PADRÃO	LATIM
Brando	<i>Blandu</i>
Cravo	<i>Clavu</i>
Dobro	<i>Duplu</i>
Escravo	<i>Sclavu</i>
Fraco	<i>Flaccu</i>
Frouxo	

¹ Este texto é um desdobramento da comunicação oral apresentada no I Seminário Nacional Alfabetização e Letramento, realizado na Universidade Federal de Sergipe de 19 a 21 de maio de 2010, ocasião em que diversas considerações acerca do trabalho foram tecidas e devidamente incorporadas. Agradecemos a todos que contribuíram para o aprimoramento deste texto, especialmente à professora Stella Maris Bortoni-Ricardo.

Grude Obrigar Praga	<i>Fluxugluten</i> <i>Obligare</i> <i>Plaga</i>
---------------------------	---

Os dados do quadro 1 mostram que, no latim vulgar, o padrão silábico CCV tinha um // que se converteu em um /r/ no português. Então, o que é tratado como suposto “erro” é, na verdade, prosseguimento de uma tendência muito antiga no português (e em outras línguas) que os falantes rurais ou não escolarizados muitas vezes levam adiante (BAGNO, 2007, p. 73-74). Assim, nesta perspectiva, é possível afirmar que a neutralização do traço distintivo dos fonemas // e /r/ não se trata de um “erro”, mas sim efeito de um processo cíclico por qual passa a nossa língua: formas do passado (como por exemplo, do latim) podem se repetir em formas linguísticas atuais, como é o caso do rotacismo; a classificação dada como “erro” nesse processo acarreta em um preconceito linguístico, pois “o preconceito se baseia na crença de que só existe, uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicadas nas gramáticas e catalogadas nos dicionários” (BAGNO, 2007, p. 40), tratando-se, portanto, de uma expressão inadequada e discriminatória.

A Sociolinguística postula que o uso de uma variante está associado a fatores socioeconômicos, regionais, faixas etárias, entre outros, em virtude do português brasileiro não possuir uma feição única e ser uma entidade possuidora de um repertório imenso de variedades dialetais. Por exemplo, se um falante pronuncia ‘pranta’ ao invés de ‘planta’, ‘framengo’ em lugar de ‘flamengo’, é caracterizado como pertencente a camadas sociais desprestigiadas, marginalizadas, que não tem acesso à educação da escola. Em consequência disso, sua linguagem é tida como “feia”, “pobre”, quando, na verdade, é só uma forma diferente de falar, a qual se difere da que é ensinada na escola (BAGNO, 2003).

Como vimos, o fenômeno do rotacismo é encontrado em períodos pretéritos da língua portuguesa e continua vivo e atuante, hoje, na fala das camadas sociais estigmatizadas (não se restringindo só a essas), como em ‘pranta’, ‘broco’, ‘framengo’, ‘fror’, ‘praca’ etc., porque é inerente à língua. Assim, o preconceito linguístico é decorrente de um preconceito social, pois o erro não está no que se fala e sim em quem fala.

Tal preconceito, muitas vezes vem dos próprios professores de língua materna, que acreditam ser dever do docente refrear severamente os ditos “erros de português”. Para estes, “erros” consistem em qualquer uso da língua que fuja da norma considerada culta ou da norma padrão instituída pela gramática normativa. Esse posicionamento dos professores é um reflexo não só do que a escola prega frente à variação linguística, como também da sociedade, que cobra destes a coibição do “erro”, tanto em sala de aula como fora dela. Vejamos o que consta nos PCNs a esse respeito:

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença [...] a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala [...]. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico (BRASIL, 1997, p. 31).

Os PCN ressaltam a questão de se trabalhar o ensino de Língua Portuguesa voltado também para a oralidade e não apenas para os aspectos gramaticais, a fim de disseminar com o preconceito dialetal (como o rotacismo), mas na prática continua efetivamente pautado ao ensino de “gramática por gramática”. Nesse contexto, é importante ressaltar que a escola, através do professor, deve observar ou procurar se informar sobre os antecedentes demográficos de seus alunos para que possa entender e tratar das suas variedades com mais fluidez evitando à perpetuação do aspecto preconceituoso veiculado as variedades linguísticas.

Assim como existe preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala de algumas regiões do Brasil, principalmente a região do nordeste brasileiro. Um exemplo muito significativo desse preconceito está presente em algumas obras literárias que retratam o perfil do nordestino, como é o caso do romance “A hora da estrela”, de Clarice Lispector (1993). Os personagens nordestinos desta obra, em geral, são sempre retratados como rudes, grotescos, sujos, feios, magros, falam errado, etc. Além disso, o *status* social de um indivíduo é determinado pelas reações subjetivas de outros indivíduos,

estes definem se o outro é de classe social alta ou baixa, se é da zona rural ou urbana, se é ou não escolarizado, tudo vai depender do seu comportamento linguístico perante a sociedade em que está em um determinado momento.

Considerando este cenário variável, voltemos à nossa reflexão inicial, acerca da relação entre a variedade falada em casa que a criança traz para a escola e o seu processo de alfabetização: como o rotacismo se manifesta em crianças em fase de alfabetização em Moita Bonita, município rural do interior do estado de Sergipe? Será que a escola consegue “corrigir o erro”? Para responder a estas perguntas, procedemos a uma investigação seguindo a metodologia da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV, HERZOG; LABOV, 2008) tomando como amostra a produção oral e escrita de estudantes do 2º e do 5º ano de escolas do centro e do povoado do município de Moita Bonita.² Nosso intento em pesquisar escolas do centro e do povoado baseia-se no “contínuo de urbanização”, proposto por Bortoni-Ricardo (2004, p. 52): “ao tomarmos o contínuo de urbanização como metodologia para análise, podemos situar qualquer falante do português brasileiro em um determinado ponto desse contínuo, levando em conta a região onde ele nasceu e vive”. Apesar de estarmos lidando com duas escolas localizadas na zona rural, acreditamos ser importante adotar a noção de “contínuo de urbanização” na medida em que podemos considerar a escola localizada na cidade como mais urbana dentro deste contínuo do que a localizada no povoado. Dessa forma, foi possível comparar os resultados obtidos das escolas escolhidas.

Assim, na próxima seção, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa. Nas seções subsequentes, explanamos sobre o fenômeno rotacismo com base na teoria da sociolinguística e partimos para a análise e descrição dos resultados a que chegamos. E por fim, tecemos as nossas considerações finais.

Procedimentos para a coleta de dados

Para a constituição da amostra de análise, foram selecionados, inicialmente, 55 estudantes – dos quais 14 foram excluídos por não terem atendido aos critérios de produção de dados (suas respostas não contemplaram as variantes

² Moita Bonita é um município localizado na zona central do Estado de Sergipe, na microrregião do Agreste de Itabaiana, distante 50 km da capital, Aracaju, por linha reta e 64 km por rodovia.

sob análise) – estratificados quanto ao sexo, à faixa etária, à escola e à série que estudam.

Selecionamos, para a coleta, a Escola municipal Terezinha Santana dos Santos e a Escola Rural João da Rocha. A primeira começou a funcionar em 1954, com o nome de Escola Rural Centro; somente em 1997, “na gestão da Prefeita Lêda Maria Costa Barreto e da Secretária de Educação Terezinha Costa da Cunha o nome foi mudado para Escola Municipal ‘Terezinha Santana dos Santos’ em homenagem a uma de suas primeiras professoras” (SANTANA, 2004, p. 27). É uma escola em bom estado de conservação, com 13 salas de aula, 36 professores e atende 913 alunos oriundos tanto da cidade como dos povoados. Nesta escola funcionam turmas do 2º ao 9º ano do ensino fundamental, além do ensino de jovens e adultos; esta escola é tida como a melhor do município. A segunda, situada no povoado Lagoa Seca, foi construída no ano de 1975, passando a funcionar legalmente somente no ano seguinte. A estrutura física da escola encontra-se em bom estado, possui apenas 3 salas e conta 55 alunos oriundos da própria comunidade e dos povoados “Bernardo” e “Olhos d’ água”. A escola funciona da pré-escola ao 5º ano, no sistema multisseriado (as professoras atendem duas turmas ao mesmo tempo).

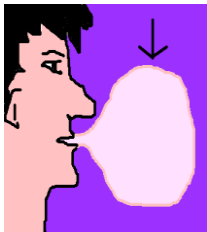
Escolhemos o 2º e o 5º ano por serem pontos extremos do processo de alfabetização: enquanto o 2º ano ainda é incipiente no processo, no 5º ano espera-se que o estudante seja proficiente e hábil no domínio da variedade culta escrita. Assim, poderíamos constatar se a escola corrige ou não a variante estigmatizada com o aumento da escolarização.

A coleta dos dados foi realizada por meio da gravação da fala a partir dos recursos do ditado visual (ditado mudo) e ditado oral (ou ditado de palavras). Primeiramente, aplicamos o ditado visual: mostrávamos uma imagem e o aluno identificava e registrava por escrito o nome da imagem (estímulo visual e resposta escrita); em um segundo momento, o aluno, individualmente, respondia oralmente qual era o nome da imagem (estímulo visual e resposta oral) (figura 1). Em seguida, aplicamos o ditado oral, enunciando palavras com a variável em estudo (as palavras sempre eram realizadas com a variante padrão, ou seja, /l/) as quais deveriam ser escritas pelos alunos (estímulo oral e resposta escrita). Deste modo, poderíamos observar como os alunos correlacionam a percepção auditiva à escrita. As palavras

constantes dos ditados oral e visual eram as mesmas: *flor*, *globo*, *planta*, *clipe*, *blusa*, *planeta*, *sacola plástica*, *bloco*, *símbolo do flamengo*, *símbolo do fluminense*, *placa*, *chiclete* e *flecha*; em todas as palavras, o contexto propicia a ocorrência das variantes //-/r/.

Figura 2: Instrumento de coleta para estímulo visual

Observe as figuras abaixo, depois escreva o nome de cada uma delas.

			
_____	_____	_____	_____
			
_____	_____	_____	_____
			
_____	_____	_____	_____
			

Depois de coletados, os dados foram submetidos à categorização em função da variável dependente // ou /r/ e das variáveis independentes: identidade

local (cidade/povoado), série (2º e 5º ano); sexo (masculino e feminino); estímulo/resposta (visual/escrito; visual/oral e oral/escrito), e o tipo de vocábulo. Após a categorização, os dados foram submetidos à análise estatística do programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Foram consideradas 1441 ocorrências da variável sob análise, das quais 1309 da variante // e 132 da variante /r/. Os resultados são discutidos nas seções a seguir.

Rotacismo: migração da fala para a escrita

Os alunos, ao chegarem à escola, iniciando sua vida escolar, já possuem em sua bagagem uma competência comunicativa que possibilita a sua interação social. Essa competência é construída nas redes de interação do aluno e também nos contextos da sociedade da qual faz parte e, tudo isso serve de base para a construção de novos saberes, os quais, por sua vez, são adquiridos na escola, principalmente nos saberes relacionado à escrita. Em outras palavras, o aluno ao começar a ter contato com a modalidade escrita da língua, ao aprender a ler e escrever, vai usar como alicerce comunicativo a sua competência linguística que fora aprendida fora da sala de aula, no âmbito familiar, com os amigos. Porém, vários professores se sentem inseguros a respeito de como intervir de forma produtiva nesse processo de aprendizado pelo qual os alunos, principalmente os pertencentes ao 1º ano, passam. E intervêm, por vezes, de forma estigmatizada em relação à fala e a escrita dos alunos, considerando “erro” aquilo que são apenas diferenças entre os falares, como vimos anteriormente.

Dessa forma, é fundamental que o professor tenha consciência de que os alunos possuem uma linguagem oral que deve ser respeitada seja ela considerada prestigiada ou não. Além disso, é importante que o professor adote o conceito de que a língua é heterogênea e, por isso mesmo permite variação e mudança. É fundamental, também, que o docente possua a noção de que existem variação e mudança na língua falada que podem repercutir na escrita para poder trabalhá-la com os alunos, principalmente com aqueles que estão em processo inicial de escolarização. Segundo Mollica e Braga (2004, p. 3), “é indispensável apropriar-se do conceito de que a variação consiste na coexistência de duas ou mais formas que

correspondem ao mesmo significado, que se manifestam por força de características regionais e sociais das comunidades de fala”.

Para observarmos como ocorre o processo da migração da fala para escrita do fenômeno do rotacismo na amostra sob análise, controlamos a variável estímulo/resposta: se os dados eram obtidos por ditado oral, ditado visual ou se eram escritos. A tabela 1 mostra os resultados obtidos.

Tabela 1: Aplicação da variante de prestígio // quanto ao estímulo resposta

MÉTODO	APLIC./TOTAL	PERCENTUAL	PESO RELATIVO
oral/escrito	516/545	94,7%	0,62
visual/escrito	411/437	94,1%	0,55
visual/oral	382/459	83,2%	0,30
Total	1309/1441	90,8%	—

Os resultados apontam que a resposta escrita tende a favorecer a aplicação da variante // a variante padrão, com peso relativo de 0,62 para o estímulo oral e 0,55 para o estímulo visual. Já quando a resposta é oral, a variante padrão é restringida, com peso relativo de 0,30. Vale destacar que estes resultados confluem com os obtidos por Santana et alii (2008), que analisaram o rotacismo em Ribeirópolis, município vizinho a Moita Bonita. Podemos tentar explicar estes resultados por conta do planejamento/monitoramento do texto escrito, diferentemente do texto falado, já que por mais que se planeje uma fala, ao executá-la a probabilidade de não sair como planejado é muito grande. Nesse sentido, convém destacar as observações de Mollica e Loureiro (2008, p. 226):

Uma questão central, portanto, se apresenta para o alfabetizador: a compreensão de que as variáveis que caracterizam a influência da fala no processo de alfabetização estão relacionadas ao efeito de fatores linguísticos e não linguísticos, a exemplo do grau de formalidade do discurso, que atua de forma significativa quando o indivíduo estabelece parâmetros para falar e escrever “certo” e “errado”.

Constatamos, assim, que o estímulo escolhido para fomentar a ocorrência da variável em questão não se mostra significativo, no entanto, a modalidade de resposta estatisticamente relevante, na medida em que as marcas da variedade oral nos registros escritos, feito por alunos em processo de escolarização, confirmam a premissa de que, para eles, a escrita pode ser uma representatividade da linguagem

falada. Isto se deve ao fato de o aluno ainda não possui o conhecimento de que quando escrevemos isso não se dá, necessariamente, da forma que falamos. A respeito disso, Sousa (2007, p. 17) salienta que “a transição da oralidade para a escrita se apresenta para o aluno, em alguns momentos, como um conhecimento ‘difuso’, o que é aceitável, pois é uma característica própria do processo em que se encontra em relação à construção da escrita”. Segundo Cagliari (1999, p. 50), a migração da fala para escrita ocorre porque as relações entre letras e sons estabelecidas na leitura são diferentes das relações entre letras e sons estabelecidas na escrita, devido ao fato de uma palavra poder ser pronunciada de diversas maneiras e de ser escrita por meio de uma única forma “congelada”, estabelecida pela ortografia vigente. Partindo deste âmbito, podemos tecer relação com o rotacismo: a neutralização dos traços distintivos dos fonemas // e /r/, por serem estes, do ponto de vista articulatorio, muito próximos, é percebida pelo aluno, justificando, assim a migração de tal fenômeno para escrita.

Contínuo de urbanização

Bortoni-Ricardo (2004) relata que as gramáticas mais antigas propõem distinção entre língua-padrão, dialetos, variedades não padrão, etc. Porém, a autora considera a relevância de entendermos a variação na língua portuguesa e propõe três linhas que denominou de *contínuo*. Um deles é o contínuo de urbanização, este abrange dois pontos extremos: de um lado os falantes das zonas rurais e do outro os falantes das zonas urbanas. Bortoni-Ricardo (2004, p. 51) explica que

Em uma das pontas dessa linha, nós imaginamos que estão situados os falares rurais mais isolados; na outra ponta, estão os falares urbanos que, ao longo do processo sócio-histórico, foram sofrendo a influência de codificação linguística, tais como a definição do padrão correto da escrita, também chamado de ortografia do padrão correto de pronúncia, também chamado ortoépia, da composição de dicionários e gramáticas.

É provável que alguns falantes da zona rural fiquem muito isolados por encontrarem dificuldades de locomoção devido a posição geográfica em que se situam. Dessa forma, podemos presumir que os falares rurais, de maneira geral, são características de um determinado povo que habita uma região isolada e, por isso, não acompanham as mudanças do português brasileiro. Já as comunidades urbanas

eram influenciadas por obras literárias, pelas escolas, estas padronizam a língua estimulando o falante a aderir à forma padrão, ou seja, os grupos sociais transferem para os outros falantes os modos de falar, os seus prestígios³. À medida que a cidade cresce, o comércio se expande rapidamente os falantes urbanos são condicionados a monitorar a fala e a escrita, uma vez que as instituições sociais são implementadoras de cultura de letramento. O contínuo de urbanização pode ser representado conforme o quadro 2:

Quadro 2: Contínuo da urbanização (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52),

<.....>		
Variedades rurais isoladas	Área rurbana	Variedades urbana padronizadas

No contínuo de urbanização, as variedades rurais isoladas estão em um polo do contínuo, enquanto as variedades urbanas padronizadas se encontram no outro polo. No centro deste contínuo, há um espaço sociocultural que Bortoni-Ricardo (2004) classifica de rururbano. A população rururbana é caracterizada por falantes que migraram da zona rural para a zona urbana – ou seja, são as periferias das nossas metrópoles – preservando a cultura de seus antecedentes, principalmente no que diz respeito ao repertório linguístico. Isto é, ainda não se integraram completamente a cultura urbana, nem abandonaram totalmente a sua cultura original.

Trazendo para o nosso contexto de análise, no município de Moita Bonita, consideramos a escola do povoado Lagoa Seca como mais rural e a escola da cidade como mais urbana, embora, no cenário nacional, ambas as escolas poderiam ser consideradas como rurais, na medida em que o município se encontra no interior de um estado, e, assim, a posição no contínuo da urbanização deve ser considerada como relativa. Na tabela 2, explanamos os resultados obtidos através do controle da variável social identidade local.

³ Fala da professora Stella Maris Bortoni-Ricardo, alicerçada nas palavras do francês Pierre Bourdieu no workshop Alfabetização e Letramento (Itabaiana, 2010).

Tabela 2: Aplicação da variante padrão // em função da identidade local

IDENTIDADE LOCAL	APLIC./TOTAL	PERCENTUAL	PESO RELATIVO
Cidade	936/1050	89,1%	0,45
Povoado	373/391	95,4%	0,60
Total	1309/1441	90,8%	—

Contrariamente ao que esperávamos, os resultados da tabela 2 indicam que a aplicação da variante padrão // foi mais recorrente nos discentes moradores do povoado, com peso relativo 0,60. Já os discentes moradores da cidade apresentaram peso relativo 0,45 para o uso da forma padrão //. Dessa forma, os resultados obtidos refutam a hipótese inicial, dentro do contínuo de urbanização, de que os indivíduos da cidade tenderiam a usar a forma mais padrão e os do povoado recorreriam à forma não padrão.

Em suma, nem sempre o fato do indivíduo pertencer à zona rural significa que este utiliza a variante estigmatizada, ou ainda, as fronteiras entre o que é rural e o que é urbano em um município do interior não sejam muito definidas.

Efeito da escolarização e do sexo

Os estudos sociolinguísticos têm demonstrado que a escola influencia no estímulo ao uso de formas tidas como de prestígio e desfavorece formas estigmatizadas, afinal, “as formas socialmente prestigiadas são semente e fruto da literatura oficial, que as transforma em língua padrão” (VOTRE, 2004, p. 51). Assim, ao passar pelo processo de escolarização, tendo contato com a variedade culta da língua e as prescrições normativistas, é esperado que os estudantes abandonem as formas desprestigiadas. Tal hipótese foi comprovada, como veremos na discussão da tabela 3.

Tabela 3: Aplicação da variante padrão // em função da escolaridade

SÉRIE	APLIC./TOTAL	PERCENTUAL	PESO RELATIVO
2º ano	273/201	73,6%	0,19
5º ano	1108/1168	94,9%	0,58
Total	1309/1441	90,8%	—

Nos dados da tabela 3, fica evidente o efeito da escolarização no bloqueio à variante não padrão. A forma de prestígio, a variante // ocorre em 73,6% das ocorrências relativas ao 2º ano, com peso relativo de 0,19, o que restringe fortemente tal variante. Já no 5º ano, a variante // ocorre em 94,9% das ocorrências, com peso relativo de 0,58, o que indica tendência à aplicação da variante de prestígio.

Tendo em vista que a ocorrência de rotacismo costuma ser considerada pelos professores como sendo “vícios de linguagem” ou “erro”, constatamos que à medida que o grau de escolaridade aumenta a ocorrência desse fenômeno diminui, provavelmente pelo fato de o professor barrar a variante estigmatizada /r/, e também pelo amadurecimento da consciência normativa do estudante.

Vejamos, agora, os resultados relativos ao controle do sexo dos alunos.

Tabela 4: Aplicação da variante padrão // em função do sexo

SEXO	APLIC./TOTAL	PERCENTUAL	PESO RELATIVO
Feminino	779/874	89,1%	0,45
Masculino	530/567	93,5%	0,56
Total	1309/1441	90,8%	—

Os dados da tabela 4 apontam que o uso da variante // em função do sexo é mais recorrente entre indivíduos do sexo masculino. Nestes, o percentual de aplicação é de 93,5% com peso relativo de 0,56, enquanto o sexo feminino apresentou 89,1% e peso relativo de 0,45. Tais resultados não corroboram as hipóteses sociolinguísticas clássicas de que as mulheres, por estarem mais expostas à correção gramatical, são mais sensíveis ao uso da variante padrão.

Considerações finais

Com este estudo mostramos por meio de uma análise sociolinguística que os usos de “pranta”, “brusa”, “broco”, etc., embora sejam estigmatizados, são enquadrados à variedade dita culta da língua portuguesa por conta do efeito da escolarização. Ou seja, a escola tem o papel e o poder de enquadrar a variedade do aluno àquilo que é tomado como padrão da língua. Constatamos que o tipo de

resposta exigida pelo estímulo ao qual o aluno está exposto está fortemente associado à escolha de uma ou de outra forma: no caso do rotacismo, os estímulos que exigem resposta escrita propiciam maior recorrência da variedade padrão da língua, ao passo que os estímulos que exigem resposta oral favorecem a variedade não padrão.

O rotacismo é um fenômeno muito regular na língua portuguesa – como bem demonstra Bagno (2007) – mas que é comumente tachado de “erro”, tanto na fala como na escrita, pois essa avaliação é dada em função dessas pronúncias/escritas serem associadas a falantes socialmente desprestigiados, analfabetos, indivíduos da zona rural, etc. Porém, se quisermos pensar em uma educação inclusiva, devemos desmistificar e desfazer o rótulo de “erro” dado a este fenômeno e a tantos outros, que fujam dos padrões impostos pela gramática normativa: o rotacismo não é um ‘erro’; é, tão somente, outra maneira de falar.

Referências

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editora, 2007.

_____. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2003.

BORTONI-RICARDO, S. **Educação em língua materna**: a Sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL, Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Brasília: Secretária de Educação Fundamental, 1997.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo: Scipione, 1999.

COX, M. I. P.; ASSAD, C. F. O ele e o erre só trazem 'complicação' – um estudo das representações de // e /r/ na escrita de crianças em processo de alfabetização. **Revista de Educação Pública**, v. 8, n. 13, p. 143-156, 1999.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

MOLLICA, M. C. M.; LOUREIRO, F.. Aportes sociolinguísticos à alfabetização. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.). **Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: EduFF, 2008, p. 223-228.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics of University of Toronto, Department of Mathematics - University of Ottawa, 2005.

SANTANA, A. R.; DANTAS, J. J.; SANTANA, M. J. B.; GUEDES, M. L.; FREITAG, R. M. K.. O tratamento do rotacismo nas séries iniciais da rede municipal de ensino de Ribeirópolis. In: SILVA, L. R.; FREITAG, R. M. K. (org). **Linguagem e representação discursiva**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2008. p. 147-155.

SANTANA, R. V. **Escola Municipal Terezinha Santana dos Santos: Uma História cheia de Histórias**. 2004. 89 f. Monografia (Departamento de Pedagogia) – Universidade Tiradentes, Aracaju, 2004.

SOUSA, A. F. Da fala à escrita: os saberes da oralidade e o início de produção da escrita escolar. **Letra Magna** (online), v. 4, n. 6, p. 1-18, 2007.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 51-58.

WEIREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.